

O QUE DIZER E ONDE DIZÊ-LO

Carta aberta das editoras independentes a autores e intelectuais comprometidos com um mundo mais justo¹

Julho, 2020

A era em que vivemos está testemunhando os efeitos devastadores das ações humanas na natureza, nas comunidades e na humanidade em si. A liberação e a falta de regulação, consumismo, privatizações e o fundamentalismo do mercado transformaram o mundo, acentuando a concentração de recursos e riquezas em escala planetária, impondo **uma lógica predatória e de dominação sobre a natureza, os serviços públicos, a saúde, o comércio, a indústria, etc.** Essa lógica se manifesta na política, no mundo das ideias e das linhas de pensamento, principalmente através do aprisionamento da mídia nas mãos de grandes corporações. A própria democracia vem enfraquecendo como resultado. **Existe, portanto, uma necessidade urgente de mudar o modelo para resguardarmos o planeta e a dignidade de seus habitantes.**

No campo da cultura, tem acontecido um aumento drástico na concentração da produção cultural, empoderando corporações transnacionais cujas atividades globalizadas na indústria do entretenimento vão desde a publicação de livros, a produção musical, a produção audiovisual ou marketing até o controle de diferentes tipos de sistemas de acesso à mídia e a internet. As redes de influência e poder que constituem a “indústria da informação e do conhecimento” são únicas. Não é coincidência que os maiores grupos editoriais estejam entre os gigantes da comunicação e tenham, ou já tiveram, ligação com a indústria armamentista, o gerenciamento da água, o “negócio da educação” e a internet.

Cada projeto editorial tem uma dimensão cultural e comercial dentro de si. Mas a tensão entre esses dois polos é muito forte no mundo editorial. Algumas editoras priorizam a escrita e a leitura, que consideram como uma prática de libertação, em todas as suas nuances, enquanto outras favorecem a natureza comercial dos livros, enfatizando seu valor de mercado. Estas últimas excluem ou suprimem conteúdos e títulos que não geram lucro suficiente em um determinado período.

¹ Por comodidade de leitura, não iremos usar a linguagem inclusiva ao longo do texto, porém pedimos que considerem a inclusão de todas as pessoas envolvidas no processo editorial quando falarmos em autores, tradutores e etc.

O movimento da publicação independente, rico na sua diversidade e dentro das suas limitações, surgiu em oposição a concentração e a mercantilização dos livros e da cultura. De modo geral, incorpora a cultura do mundo dos livros. Editoras independentes pensam no livro primeiro como um bem cultural e social, enquanto as multinacionais e os gigantes da Internet apoiam-se na prática de impulsionar de forma extrema a dimensão comercial do livro e a lógica do grande capital.

Agora que estamos no século XXI é difícil separar os fins dos meios: o que dizer e onde dizê-lo? Dessa forma, vemos que muitos dos autores que promovem o debate, a criatividade e o pensamento crítico, a justiça e a igualdade são publicados por grandes conglomerados e seus diversos selos editoriais. Não seria reduzido a nada o poder transformador desses trabalhos quando os ligamos aos procedimentos da indústria do entretenimento? É fato que as corporações transnacionais, em qualquer campo de atuação, são a mais pura expressão do sistema que nos domina. Escolhendo-as como editoras, não seria como se estivessemos deixando o universo das ideias transformadoras nas mãos daqueles que sustentam o modelo que criticamos? Não fortaleceríamos assim o controle que o grande capital tem sobre o mundo e nossas vidas? Mais ainda, como podemos não questionar os investimentos cruzados dos grupos corporativos, donos dessas grandes editoras? Seriam investimentos neutros?

Por outro lado, o apetite voraz por lucros faz o setor editorial se submeter a um ritmo cada vez mais acelerado que é fundamentalmente artificial. Criatividade, conhecimento e tecnologia precisam de tempo para se estabelecerem como forças transformadoras. Sem isso, são reduzidos a meras mercadorias, produtos fúteis.

Nos países do Hemisfério Sul, esses grupos gigantes também são uma expressão do colonialismo cultural, que continua a marginalizar a criação, a tradução e a produção local. O trabalho deles diminui a autonomia dos espaços editoriais e culturais locais, minando a bibliodiversidade. Os meios de comunicação que utilizam e a cooptação de mediadores culturais encorajam a política de privatização de espaços públicos e das próprias expressões culturais. Neste sentido, acreditamos ser necessário fortalecer a coerência entre texto e contexto.

Está claro que casas editoriais independentes e acadêmicas não tem o mesmo impacto em distribuição, circulação, vendas e aquisição de direitos que as companhias multinacionais. São parte de um ecossistema bem frágil, assim como as livrarias independentes, e a sua vocação não é dominar ou asfixiar, mas respeitar o “global” em uma escala humana – apoiando a bibliodiversidade. Essas editoras estão lutando para sobreviver em um ambiente econômico no qual a cultura não faz parte dos direitos garantidos pelo Estado. Encaram obstáculos erguidos pelo modelo dominante, com códigos e políticas que viraram o assim chamado “senso comum” – onde os bestsellers e publicações corporativas ocupam o pouco espaço reservado aos livros na mídia, assim como nas vitrines e nos expositores das livrarias. Editoras acadêmicas e independentes também sentem que suas chances de crescimento são limitadas, já que muitos dos autores de sucesso comercial acabam juntando-se aos grandes grupos multinacionais, seduzidos por pagamento adiantado de direitos, fama e “prestígio”. Não é fácil resistir a essas tentações. Nós entendemos. Porém uma coisa é certa: essa situação torna difícil manter os

catálogos ricos e diversos que dependem do equilíbrio feito pelo editor independente entre obras que vendem menos e aquelas com circulação e vendas maiores. **Se submetermos o mundo do livro aos critérios de viabilidade comercial, hierarquização e operação das multinacionais, que consideram cada livro como um negócio em si, vamos acabar por limitar, se não destruirmos, o poder transformador da reflexão crítica e da diversidade.**

Estamos convencidos que autores, tradutores, editores, livreiros, bibliotecários, jornalistas, críticos e leitores têm que agir em união e em solidariedade se quisermos mudar o curso das coisas, quebrando o círculo vicioso do setor editorial, dando significado e uma *raison d'être* ao livro como instrumento capaz de criar uma humanidade mais justa, atenta e amigável ao seu ambiente. Contribuir por omissão com a dinâmica de concentração e dominação pode, a longo prazo, enfraquecer o poder transformador do nosso trabalho e fortalecer o sistema existente. Portanto, tem se tornando urgente questionar essa realidade – dentro do papel que cada um ocupa na corrida desordenada para destruir e aniquilar o outro – e nos comprometermos a rever toda forma operacional, para lutar contra a sujeição do mundo das ideias a essa lógica extrativista.

Portanto, convocamos autores, pensadores e intelectuais para trabalhar em projetos com a vocação de transformar a maneira como as coisas são e não de consolidá-las, para publicar seus trabalhos em editoras independentes em seus próprios países e a darem preferência a essas editoras quando forem transferir direitos internacionais e de tradução. Dessa maneira, irão impedir que seus trabalhos continuem a reforçar a dominância do grande capital e a concentração deste nas multinacionais e corporações. Para proteger o mundo e a dignidade humana, é preciso lutar sem descanso contra a lógica predatória e insaciável de acumulação que prevalece em todas as áreas como uma marca dos nossos tempos. Livros, criatividade, pensamento e discurso são elementos decisivos neste caminho.

**Comitê Internacional de Editoras Independentes,
representando 750 editoras de 55 países ao redor do mundo
membros da Aliança Internacional de Editoras Independentes**

Samar Haddad, Síria (Atlas Publishing),

coordenadora da rede linguística árabe

Müge Sokmen Gursoy, Turquia (Metis Publishers),

coordenadora da rede linguística anglófona

Colleen Higgs, África do Sul (Modjaji Books),

vice coordenadora da rede linguística anglófona

Aliou Sow, Guiné (Ganndal),

coordenadora da rede linguística francófona

Paulin Assem, Togo (AGO Média),

vice coordenadora da rede linguística francófona

Élisabeth Daldoul, Tunísia (elyzad),

vice coordenadora da rede linguística francófona

Paulo Slachevsky, Chile (Lom Ediciones),

coordenador da rede linguística hispânica

Mariana Warth, Brasil (Pallas Editora),
Carla Oliveira, Portugal (Orfeu Negro),
coordenadoras da rede linguística lusófona
Tinouche Nazmjou, França/Irã (Naakojaa),
coordenador da rede linguística persa
Anahita Mehdipour, Alemanha/Irã (Forough Verlag),
vice coordenadora da rede linguística persa

**Representantes do Conselho e da equipe
da Aliança Internacional de Editoras Independentes**

Laura Aufrère, *presidente*
Luc Pinhas, *vice-presidente*
Thierry Quinqueton, *vice-presidente*
Laurence Hugues, *diretora*



www.alliance-editeurs.org

[Facebook](#) / [Twitter](#)